

DN 13.3.56
M do S. P do 33
"A de T"
200
RN 209

NA PRAIA

RUBEM BRAGA

ÉRAMOS três velhos amigos na praia quase deserta. O sol estava bom; e o mar, violento. Impossível nadar: as ondas rebentavam lá fora, enormes, depois avançavam sua frente de espumas e vinham-se empinando outra vez, inflando, oscilantes, túmidas, azuis, para pocar de súbito na praia. Mal a gente entrava no mar a areia descaía de chôfre, quase a pique, para uma bacia em que não dava pé; alguns metros além havia certamente uma plataforma de areia onde o mar estourava primeiro. Demos alguns mergulhos, apanhamos fortes lambadas de onda e nos deixamos ficar conversando na praia; o sol estava bom.

Éramos três velhos amigos e cada um estava tão à vontade junto dos outros que não tínhamos o sentimento de estar juntos, apenas estávamos ali. Talvez há 10 ou 15 anos atrás tivéssemos estado os três ali, ou em algum outro lugar da praia, conversando talvez as mesmas coisas. Certamente éramos os três mais magros, nossos cabelos eram mais negros... Mas que nos importava isso agora? Cada um vivera para seu lado; às vezes um cruzara

com outro em alguma cidade e então possivelmente teria perguntado pelo terceiro. Meses, talvez anos podem haver passado sem que os três se vissem ou se escrevessem; mas ali estávamos juntos, tão à vontade como se todo o tempo tivéssemos feito isso.

Falamos de duas ou três mulheres, rimos cordialmente das coisas de outros amigos, mas nossa conversa era leve e tranqüila como a própria manhã, era uma conversa tão distraída como se cada um estivesse pensando em voz alta suas coisas mais simples. Às vezes ficávamos sem dizer nada, apenas sentindo o sol no corpo molhado, olhando o mar, à toa. Éramos três animais já bem maduros a entrar e sair da água muito salgada, tendo prazer em estar ao sol. Três bons animais em paz, sem malícia nem vaidade nenhuma, apenas gozando o vago conforto de estarem vivos e estarem juntos respirando o vento limpo do mar — como três cavalos, três bois, três bichos mansos debaixo do céu azul. E tão sossegados e tão inocentes que, se Deus nos visse por acaso lá de cima, certamente murmuraria apenas — “lá estão aqueles três” — e pensaria em outras coisas.

M-596

21-9-63.